

CAPITAL INICIAL

Que venha o sucesso, enfim

ISA PESSÔA

Quando cantavam para meia dúzia de tietes nas calçadas de Brasília, eles eram tão **blasés** quanto podem ser os adolescentes entediados por morar nas superquadras do Planalto Central — “a gente achava que não precisava mais do mundo”. Até que saíram da casa da mamãe, mudaram-se para São Paulo e decidiram ganhar o Brasil. De hoje a domingo os quatro que há três anos formaram o Capital Inicial encerram sua temporada carioca, no Teatro Ipanema, com a disposição de quem jamais torceria o nariz para um desejo agora assumido: sucesso.

Custou mas está chegando. O primeiro elepê do grupo, lançado pela CBS em julho passado (eles agora mudaram para a Polygram), já vendeu mais de 80 mil cópias. Os olhinhos apertados de Dinho, 22 anos, o vocalista do grupo, são capazes de brilhar ainda mais com a expectativa de um disco de ouro — “está na hora, você não acha?” Para ele, o Capital Inicial só não emplacou antes, a exemplo de seus conterrâneos Legião Urbana e Plebe Rude, porque a primeira gravadora atrasou o lançamento do disco, insistindo que eles fizessem “uma musiquinha à la Metrô, tipo “e no balanço das horas tudo pode mudar...”



O Capital Inicial encerra temporada com a expectativa de um disco de ouro

Não era o lance. Para Dinho, Fê, Flávio e Loro, que já na adolescência arquivaram os discos de Milton Nascimento e Pink Floyd, preferindo ouvir Talking Heads, o rock dos anos 80 precisava de “temas e ritmos diferentes”. Como explica Felipe Lemos, o Fê, baterista de 25 anos (o **release** da gravadora informa que ele é o intelectual do grupo, mas ele considera a definição “a maior bobagem”), eles podem até cantar as mesmas coisas, mas é urgente encontrar a forma nova e pessoal.

Já foram punks, hoje tentam “outra suavidade”. Estão entre o rude da Plebe Rude e o intimismo de Renato Russo, da Legião, parceiro de um dos grupos que deu origem ao Capital, a banda Aborto Elétrico —

da qual, além de Renato, faziam parte os irmãos Fê e Flávio. O Capital Inicial prefere humor e sensualidade, lembra Dinho, citando o refrão de “Sob controle” como exemplo: “Você fala, você fala, e eu simulo interesse”.

Nenhum deles terá preconceito ao incluir paixões rasgadas em suas canções — “o que importa é não fazer letras dogmáticas”, assegura Dinho. Assim, sem constrangimento, eles cantam cenas de amor explícito como a descrita em “Prova” (“vejo seu retrato aqui tão longe/tento encerrar os fatos/você não é mais/sinto a sua ausência”), composta por Fê quando passava umas férias na casa da tia em São Paulo, sem amigos nem namorada por perto:

— Estava apaixonado e sozinho —

ele lembra —, mas foi só uma fase. Na verdade, a gente é do tipo super-bonachão, que curte a vida e gosta mais é de estar **pra cima**.

Fê casou-se com a tal do retrato, uma bióloga, e os outros três também moram hoje com as respectivas mulheres. No caso do Dinho, o relacionamento foi relâmpago com a manequim Mari, de 21 anos (“aquela que está na capa da revista “Moda Brasil”). Mas nenhum dos dois vai importar-se, ele garante, se o vocalista estourar como mais um **muso** sexual do rock nacional — “desde que essa história não apareça como uma armação escabrosa, qual é o problema? Rock é uma coisa sexual mesmo”. Dinho acha natural, por exemplo, a exploração da figura sensual do Paulo Ricardo, do RPM:

— De fato, os caras sugaram o Paulo até o final. A gente vai ter cuidado com isso, mas nós pretendemos manter o nível de qualidade do nosso trabalho. Aliás, acho que o RPM conseguiu isso: eles continuam bons músicos.

Mas além dos livros de Gore Vidal, do cinema de Mickey Rourke (o protagonista de “Nove semanas e meia de amor”) e dos discos de Talking Heads, nas horas livres os rapazes do Capital Inicial gostam mesmo é de ouvir Plebe Rude e Legião Urbana. Eram todos da mesma turma, lembra Fê, e continuam “superamigos, sem qualquer ciúmeira”:

— Quer coisa mais gostosa do que ouvir “Eduardo e Mônica”? Eu não sei se eles existem mesmo na realidade, mas na minha cabeça, nossa, eu conheço muitas Mônicas e vários Eduardos. Eu mesmo sou uma mistura dos dois.

O show do Capital em Ipanema começa sempre às 21h30m e os ingressos custam Cz\$ 80 (hoje e amanhã) e Cz\$ 100 na sexta, sábado e domingo.